



5º Simposio de Ensino de Graduação

A ESCRITA DO VESTIBULANDO E O CONECTOR POIS

Autor(es)

MARIA APARECIDA DE MORAES PIVETA

Orientador(es)

MARIA CECILIA PERRONI

1. Introdução

Sabemos que o vestibular é um exame especial, para o qual o aluno, após pelo menos onze anos de estudo, se preparou a fim de ingressar na Universidade. Logo, espera-se que esse aluno esteja preparado e seja portador de conhecimentos sobre nossa língua que permitam seu uso no “padrão culto”, embora nem sempre isso ocorra nas redações dos vestibulandos. Do ponto de vista sintático, sabemos que os candidatos apresentam dificuldades, tais como a organização de períodos mais longos. Dessa forma, nosso objeto de estudo é um tipo de estrutura sintática particular: a que contém o conector “POIS”. O presente trabalho realizou-se no decorrer do processo de Pesquisa do Projeto ESCREVES do curso de Letras – Português da UNIMEP, sob a orientação da pesquisadora Prof^a Dr^a Maria Cecília Perroni, e consiste na análise de 150 redações do vestibular (2001 – 2004) que compõem o Banco de Dados do Projeto citado acima. O embasamento teórico desse trabalho encontra-se sobretudo em Guimarães (1987), Vogt (1989), Miotto (2000) e Perini (2004).

2. Objetivos

O presente trabalho tem por objetivo analisar um conjunto de redações de vestibular da UNIMEP (2001 – 2004), as quais compõem o Banco de Dados do Projeto ESCREVES do curso de Letras – Português, a fim de identificar as construções sintáticas que envolvem o conector “POIS” e verificar se esse conector, na posição em que se encontra no período, promove elo adequado de organização sintática.

3. Desenvolvimento

Langacker (1972) discorre sobre a importância do aprendizado do conjunto de princípios que permitem as combinações de palavras para formar frases e também elenca os três aspectos da estrutura lingüística, uma vez que “para descrever uma língua temos de falar sobre os significados das palavras, sobre as seqüências de sons associadas a esses significados, e sobre as maneiras como as palavras se combinam entre si para formar frases. Assim sendo, consideraremos uma língua como tendo um sistema semântico, um sistema

fonológico, e um sistema sintático” (LANGACKER, 1972, p. 35). Dessa forma, convém lembrar que Langacker (1972) assegura que “como parte do processo de aprendizado de uma língua é preciso que se domine um conjunto de regras que permitem combinar palavras de maneira a formar frase aceitáveis e a evitar a formação de frases inaceitáveis” (LANGACKER, 1972, p.38). Logo, o autor explica o que é e o que não é gramática de uma língua, tomando como base o conceito de “receita”. Desse modo “a gramática de uma língua não é uma receita que pode ser seguida quando se diagnosticam as necessidades comunicativas da situação, decidindo-se o que deve ser dito, escolhendo uma frase para proferir e transformando essa frase em ação. Tampouco é uma receita para o ouvinte quando verifica uma frase e imagina o que está sendo dito. É uma descrição das regras que determinam que cadeia de palavras constituem frases bem formadas da língua, uma descrição da estrutura intrínseca do sistema lingüístico” (LANGACKER, 1972, p. 44). Por sua vez, o autor Mário Perini, que é um lingüista brasileiro, também defende a tese de que a gramática não deveria ser um instrumento de ensino normativo, ou seja, não deveria prescrever regras ou normas, as quais seriam seguidas à risca, mas sim, necessitaria que seus estudos fossem compreendidos como “parte da formação científica dos alunos; que trata da descrição, interpretação e compreensão de um aspecto do universo social que nos cerca; e, principalmente, que é um corpo de conhecimentos em constante revisão, sujeito a crítica, acréscimos e refutações” (PERINI, 2004, p.32). Perini, assim como Langacker, assegura que a gramática é ou deveria ser “uma aplicação da lingüística” e, ainda nos conduz à observação da importância do estudo gramatical na formação das habilidades intelectuais, já que “a gramática oferece um campo privilegiado para o exercício das atividades de pesquisa. O estudo de gramática pode ser um instrumento para exercitar o raciocínio e a observação; pode dar a oportunidade de formular e testar hipóteses; e pode levar à descoberta de fatias dessa admirável e complexa estrutura que é uma língua natural” (PERINI, 2004, p. 31). Considerando a importância dos estudos gramaticais em relação à organização sintática do período é que propomos uma pesquisa detalhada do conector “POIS” tomando como base as obras de Vogt (1989) e de Guimarães (1987). De acordo com Guimarães (1987) “as chamadas conjunções são elementos de fundamental importância na organização textual” (Guimarães, 1987, p.35), já que elas têm funções muito significativas, além de ligar orações. Para estudar o conectivo “pois”, o autor leva em conta o modo como ele se organiza em relação à enunciação. Por sua vez, Vogt (1989) na análise da conjunção “pois”, primeiramente realiza um estudo sintático da mesma e, em seguida, “através de sua descrição semântica” busca “uma explicação para os fenômenos sintáticos” apontados anteriormente (Vogt, 1989, p.46). Verificamos que tanto Guimarães quanto Vogt usam critérios sintáticos em suas análises. Quanto aos critérios sintáticos empregados na análise da conjunção “pois”, podemos destacar aqueles que se referem tanto à posição ocupada pelo “pois” no período ou enunciado, quanto a outros critérios: - A conjunção “pois” necessita de um pré-texto, ou seja, o “ ‘pois’ exige um texto anterior” (Vogt, 1989, p. 46). Além disso: - A conjunção “pois” não se combina com a conjunção e; - O “pois” não pode responder à questão por que; - A conjunção “pois” não pode ser extraposta nem posta em questão; - O “pois” não modifica advérbios. Ainda em Vogt (1989), podemos observar outros fatos que mostram que sem romper-se semanticamente o “pois” não pode: “a) nem ser submetido a uma negação; b) nem ser questionado; c) nem se prestar ao encadeamento, isto é, tornar-se em bloco a subordinada de uma outra proposição; d) nem constituir-se no escopo de um quantificador”(Vogt, 1989, p.53). O autor também assegura “que a conjunção ‘pois’ marca um ato de fala específico, cuja função é justificar um ato de enunciação anteriormente praticado” (Vogt, 1989, p. 60).

4. Resultados

Como já enfatizado por diversos autores na Lingüística, observamos que os limites entre o sintático e o semântico são tênues, mas nosso enfoque deverá privilegiar o sintático como fator primordial. Dessa forma, após a leitura aleatória de 150 redações do vestibular da UNIMEP (Projeto ESCREVES) foi possível identificar os tipos mais freqüentes de construções inadequadas com o conector “POIS” e analisar a posição que eles ocupam na sentença e também no período. A análise permitiu identificar os tipos mais freqüentes de construções inadequadas com o “POIS”, que são: a) POIS INADEQUADO; b) POIS INCOMPLETO; c) POIS INICIAL; É com base nesses tipos de construções com usos inesperados, ou desviantes do padrão, que analisaremos as sentenças das redações que funcionam como exemplo para tal fenômeno. A) Como o

próprio nome já sugere, o POIS INADEQUADO recebe essa designação por ocupar uma posição na sentença ou período de modo inadequado. Logo, as razões para a concepção do POIS INADEQUADO são as seguintes: 1) POIS INADEQUADO: porque não há nenhum motivo de natureza sintática – semântica para sua presença na posição ocupada; 2) POIS INADEQUADO: porque ocupa o lugar ou a posição de um outro conector. Dessa forma, para análise das sentenças tomadas como exemplificação do uso do POIS INADEQUADO consideraremos dois grupos, de acordo com a classificação acima. Exemplo de sentença pertencente à classificação 1): (...) Vai ser difícil acabar, pois com ela fica mais fácil comunicar-se com pessoas e resolver praticamente tudo. (...)” (R 08 : P. 33); A sentença citada acima como exemplo apresenta a seguinte característica: o POIS está sobrando na sentença, ou seja, não precisamos dele para compreendê-la, pelo contrário, a sua presença torna a sentença confusa, por isso o designamos POIS INADEQUADO. Passaremos a analisar tal ocorrência, verificando o seu relacionamento com as sentenças anteriores da mesma redação. A sentença destacada da redação 08 da pasta 33, da maneira como aparece no período, é inadequada e não apresenta sentido algum isoladamente, visto que o vestibulando afirma que algo vai ser difícil de acabar e liga a essa oração a seguinte: “pois com ela fica mais fácil comunicar-se com pessoas e resolver praticamente tudo”, logo, não se sabe a que se refere o ela e nem o objeto do verbo acabar. Se reformulada a produção do vestibulando, ela sofrerá alguns ajustes lexicais e passará a ser aceitável, já que será ligada à sentença anterior, a qual explana sobre a onda de comunicação pela internet e sua utilidade no mundo atual. Desse modo, a sentença quando reformulada aproxima-se mais do conteúdo pretendido pelo candidato: v Esta onda de comunicação pela internet pode até passar, mas como precisamos muito dela para facilitar a comunicação com as pessoas e resolver praticamente tudo, vai ser difícil acabar com ela. Exemplo de sentença pertencente à classificação 2): “ Os acontecimentos e atos que foram praticados no passado, não devem ser compensados agora, pois você acha certo, por exemplo, de ser castigado pelo racismo que seu avô praticou? (...)” (R 06 : P. 26); A sentença citada acima que funciona como exemplo de POIS INADEQUADO, pertencente à segunda classificação, tem a seguinte característica: o POIS está sendo empregado no lugar ou na posição de outro conector. Desse modo, podemos observar que com a ocorrência de tal fenômeno, a sentença se torna confusa, e passa a ser compreendida somente quando o conector é substituído por outro. Tomando como exemplo a sentença destacada na redação 06 da pasta 26 (sentença inicial da redação) verificamos que o POIS está ocupando o lugar ou a posição de outro conector, que seria o OU, gerando uma inadequação. Dessa forma, verificamos que o seu emprego compromete a compreensão da sentença. Para solucionar esse problema, podemos propor a seguinte substituição de conector: v Os acontecimentos e atos que foram praticados no passado, não devem ser compensados agora, ou você acha certo, por exemplo, ser castigado pelo racismo que seu avô praticou? B) O tipo de construção denominado POIS INCOMPLETO se deve ao fato do uso de tal conector não estar relacionado à sentença onde surge, pela ausência de constituintes que o justifiquem. Para exemplificar isso, recorreremos a uma redação transcrevendo um exemplo, como a sentença abaixo: “ (...) Acho que você sabe disso pois des do momento. (...)” (R 21 : P. 33). Podemos observar um fator comum nas sentenças desse tipo que o candidato produz: a sentença que ele introduz não se completa. Na seqüência, verificamos como a sentença em análise se relaciona com as sentenças anteriores. Trata-se do POIS INCOMPLETO, uma vez que o vestibulando não completou a sentença iniciada com ele. Observamos que falta completar com a informação do que teria ocorrido “desde o momento”. C) Um terceiro tipo freqüente de construção com POIS ocorre no início da sentença e também do período, por isso a designação de POIS INICIAL. Para ilustrarmos isso, recorreremos a um fragmento de redação que exemplifica tal fenômeno. “(...) Pois a mesma não teve interesse não participava das reuniões e acabou perdendo o leite. (...)” (R 04 : P. 29); A sentença a ser analisada faz parte de uma carta escrita por uma vizinha - em tom de pedido de ajuda para uma família composta por pai, mãe e três filhos pequenos que passam necessidades - e encaminhada ao órgão de Proteção de Menores. Nessa carta, o vestibulando inicia o período com uma sentença explicativa, já que emprega o conector POIS para justificar a perda do leite doado pela assistência social. Contudo, o emprego do POIS ocorre de forma incorreta, uma vez que é sabido que o conector POIS pede um pré-texto, ou seja, ele exige um texto anterior, de acordo com Vogt e Guimarães. Dessa forma, se o candidato ligasse a sentença iniciada pelo POIS à sentença anterior, e reorganizasse a estrutura dos dois períodos, talvez sua intenção comunicativa ficasse mais clara. Logo, podemos propor uma ligação de períodos para reformulação da sentença destacada: v O motivo que me levou a escrever esta carta para Vossa Senhoria é um pedido de auxílio para minha vizinha, a qual tem três

filhos pequenos que estão passando fome e se encontram desnutridos, uma vez que perderam o leite doado pela Assistência Social, pois os pais não tinham interesse e nem participavam das reuniões.

5. Considerações Finais

A escolha dos casos desviantes do emprego do POIS se apóia no objetivo de apontar onde estão as dificuldades dos alunos e dos vestibulandos em sua escrita e não de apenas em censurar tal uso, conforme os moldes da Gramática Tradicional. Uma vez identificada a dificuldade, fica mais fácil não só entender porque e como ocorre; mas também apontar sugestões de aperfeiçoamento da produção escrita. No caso em análise, podemos sugerir que o professor trabalhe com seu aluno as diferentes possibilidades de uso do conector, mostrando que ele estabelece um elo sintático entre as orações do texto, uma vez que: a) O pois exige um texto anterior, ou seja, não se pode começar um período diretamente, com esse conector; b) Muitas vezes, o pois é usado como um “coringa” porque o aluno desconhece os demais conectores; c) Toda sentença contendo pois precisa ser completada. Finalmente, por meio dessa pequena amostragem de dados e sua análise, esperamos poder contribuir no processo de ensino – aprendizagem da escrita que envolve professores e alunos do Ensino Médio, embora não exclusivamente, já que até universitários apresentam problemas semelhantes.

Referências Bibliográficas

GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e Argumentação: um estudo de conjunções do português**. Campinas: Pontes, 1987.

LANGACKER, Ronald W. **A linguagem e sua estrutura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; VASCONCELLOS, Ruth Elisabeth. **Manual de sintaxe**. 2ª ed. rev. Florianópolis: Insular, 2000.

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

VOGT, Carlos. **Linguagem, Pragmática e Ideologia**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.